

BIOGRAFEMÁRIO DE *UM* APRENDER: ESCRILEITURAS EM MEIO À VIDA

JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ¹; CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve por objetivo cartografar as transformações subjetivas dispostas na relação de *um* aprender. Para isso, a pesquisadora acompanhou seu próprio processo de aprendizagem enquanto *uma* professora que lê e escreve, atendo-se, do mesmo modo, às intervenções realizadas em escolas a partir do desenvolvimento de Oficinas de Escrileituras (CORAZZA, 2011). A temática foi escolhida a partir das inquietações dessa professora em formação que desejava problematizar sobre seus processos de aprendizagem e dos estudantes. Sufocada por parâmetros, pareceres, avaliações de desempenho e habilidades psicológicas, via-se abandonando procedimentos criativos de trabalho.

Em relação à base teórica, operou estudos sobre o aprender na perspectiva filosófica deleuziana (DELEUZE, 1988; 2003). De acordo com este filósofo, tudo aquilo que ensina algo emite signos que não são incididos de abstrações, pelo contrário, são objetos de um tempo real e presente. Para conceber o ato de pensar é necessário forçar o pensamento, que não é inato. Por isso são necessários os encontros que emitem signos. Esses são os portadores dos problemas. Aprende-se na possibilidade de criar os próprios problemas. Para o autor, não existem métodos para aprender, mas sim o esforço na decifração dos signos (DELEUZE, 2003).

A compreensão de leitura e escritura foi reunida a partir dos estudos orientados pelo Projeto Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida (CORAZZA, 2011), desenvolvido durante os anos de 2010 a 2014, em quatro universidades brasileiras UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), UFPel (Universidade Federal de Pelotas), Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) e UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), financiado pela CAPES/INEP, por meio do Programa Observatório da Educação. De acordo com o conceito de escrileituras, ensinar e aprender a leitura e a escritura está implicado no ato de criação textual, ao agenciar matérias de três áreas do conhecimento: arte, filosofia e ciência. Uma ação que reivindica outra postura do leitor, a de coautoria com aquele que escreve. A escrileitura, nesse sentido, funciona como uma via incessante de mão dupla entre o ler e o escrever, em que a produção de um texto encontra-se aberta às interferências do meio que o produz (CORAZZA, 2011).

O campo problemático da pesquisa apresentou a seguinte questão: Como são realizados os processos do aprender de *uma* professora e dos estudantes junto às Oficinas que utilizam a arte, a filosofia e a ciência para o desenvolvimento da leitura e da escritura? Assim, foram agenciados às Oficinas de Escrileituras os estudos das Filosofias da diferença e os registros cartográficos realizados no biografemário (composição escritural de biografemas realizadas pela professora-pesquisadora), de maneira a contribuir na composição dos resultados da pesquisa, pensando nas estratégias de enfrentamento dos problemas vivenciados no campo da educação no que tange à aprendizagem da leitura e da escritura, bem como suas práticas envolvidas na escola.

2. METODOLOGIA

A metodologia cartográfica oportunizou ampliar o campo perceptivo da pesquisadora, assim como os caminhos percorridos durante o ato de pesquisar. Tratou-se de um método que se propôs a investigar os processos de produção de subjetividades, de acordo com Passos, Kastrup e Escóssia (2012). A cartografia é uma metodologia que não abre mão de uma orientação; opera em uma direção que “se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (Ibid., p. 17).

Durante a investigação, a professora-pesquisadora foi construindo pistas que a guiaram no seu caminhar. Notas de estudos, orientadas em uma tabela, relativas ao Projeto Escrileituras (CORAZZA, 2011) e a Filosofia de Gilles Deleuze, mais especificamente, sobre os conceitos de *aprender* e *signo* (DELEUZE, 1988; 2003), auxiliaram na compreensão e análise dos dados produzidos. De maneira a perceber como se dão os processos de aprendizagem dos estudantes e da professora junto às Oficinas de Escrileituras, foi necessário reunir quatro Oficinas, sob o critério de terem sido desenvolvidas com estudantes do ensino fundamental por cada um dos Núcleos do Projeto. Dessa forma, escolheu-se a *Filodança* (realizada pelo Núcleo UFPel em uma escola municipal de Pelotas/RS, atendendo 25 alunos do 3º ano do ensino fundamental), *Filoescritura com Kafka* (realizada pelo Núcleo UFRGS em uma escola municipal de Porto Alegre/RS, atendendo alunos dos anos finais do ensino fundamental), *Vida! Hoje tem espetáculo!* (realizada pelo Núcleo UNIOESTE em um colégio estadual de Toledo/PR, atendendo alunos do 9º ano do ensino fundamental) e *Cores, sabores e texturas* (realizada pelo Núcleo UFMT em uma escola estadual de Cuiabá/MT, atendendo a alunos do 5º ano do ensino fundamental). A escolha da Oficina Filodança deu-se pelo fato da pesquisadora ter participado desde o planejamento até seu desenvolvimento. As demais Oficinas encontram-se descritas e disponíveis no livro publicado pelo Projeto Escrileituras, intitulado Caderno de notas 5 (RODRIGUES, 2013).

Como maneira de demonstrar os tipos de matérias reunidas nas Oficinas, é pertinente destacar a Oficina Filodança, bem como a metodologia do trabalho realizado com as crianças. As atividades basearam-se na apresentação de aspectos da vida dos filósofos Spinoza (2007) e Nietzsche (2006), demonstrando conceitos sobre corpo e alma. Além disso, houve a leitura da obra de Clarice Lispector, *A vida íntima de Laura*¹. Diante dessa composição, as crianças foram sendo indagadas: já que, para Nietzsche, tudo é corpo, a escrita pode ser um corpo? Em relação à literatura lida, questionou-se: quais foram os pensamentos da galinha Laura? Também foi oferecido como suporte para pensar a ideia de dança e potência de vida, o fragmento do filme *Billy Elliot*². Ao final da Oficina, intensificaram-se momentos de escrita a partir do que foi lido. Para isso, um cenário foi arquitetado, imagens projetadas e sons instrumentais ouvidos. Com isso, as crianças experimentaram movimentos corporais dentro da sala de aula. Por fim, foi realizada a leitura do livro *Girafa não serve pra nada*, de José Carlos Aragão (2000), como maneira de incentivar os atos de escrita que estavam por vir. Como produção final, os estudantes criaram um dicionário.

Os professores que realizavam a Oficina sinalizaram palavras (corpo, alma, escrever). Os estudantes tiveram, por tarefa, inventar sentidos diferentes

¹ Disponível em: [http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector\(1\).pdf](http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector(1).pdf)

² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jXd967T6mno>

daqueles que reconhecem habitualmente, diminuindo efeitos de representatividade entre a palavra (dizível) e o objeto (visível).

Para realizar os registros cartográficos da pesquisa, criou-se o material denominado biografemário, um caderno que teve por propósito produzir escrituras a partir do olhar do ínfimo de uma vida, atendo-se aos processos por onde *um* aprender se compõe. Material este que foi inventariado pela pesquisadora inspirado no conceito de biografema de Roland Barthes (2003). Tratou-se de composições escriturais de uma professora-que-aprende, fabulando maneiras para ler-escrever, movida pelo seu dia a dia escolar, atuando como docente dos anos iniciais do ensino fundamental e em meio às Oficinas de Escrileituras. Nesse ato de escrever, ela foi percebendo-se pelos caminhos que desenhava diante daquilo que se constituía a partir de princípios auto-referenciados, definidos para sua própria existência, destituindo formas predefinidas de ser *uma* professora. Verificou a potencialidade de agenciar matérias na arte, na filosofia e na ciência, de acordo com os experimentos praticados nas escolas pelas Oficinas. Uma professora que descobriu um aprender possível pelas escrileituras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao detectar a trajetória de constituição de *um* aprender, tanto dos estudantes quanto de *uma* professora, a partir das Oficinas de Escrileituras, é possível afirmar a relevância em reunir elementos de variados campos de saberes para o processo do aprender. O que se produz, em matéria de aprendizagem, numa Oficina de Escrileituras? *Um* aprender múltiplo e singular, mas processado por dispositivos que fizeram a pesquisa acontecer. *Uma* aprendizagem é incapaz de se tornar generalizável (por isso *um* aprender), pois se transforma a partir do espaço, do tempo e do lugar que ocupa. Aprender diz respeito essencialmente aos signos (DELEUZE, 2003). Na Oficina *Filodança*, por exemplo, foi possível encontrar elementos que emitiram signos aos estudantes no momento de sua efetivação pelo trabalho proposto, obtendo saberes diante do esforço em decifrá-los.

As Oficinas de Escrileituras apostaram no tempo de escuta ao próprio corpo, seus ritmos e fruições. Não há paradas obrigatórias para se ler e escrever, mas movimentos intermitentes mesclados a um corpo à espreita dos signos emitidos diante de um tempo que é redescoberto ao inventar problemas que deem o que pensar e, por isso, aprender. Os estudantes e a professora escreveram menos dependentes de métodos e mais da necessidade de construção de verdadeiros problemas, os quais ofereceram a possibilidade de, a partir deles, escrever.

A professora afirma *um* aprender, por uma filosofia deleuziana que defende um pensamento sem imagem, renunciando às formas de representação que estereotipam as maneiras de entender o mundo. Essa filosofia desnaturaliza a ideia de pensamento como inatismo, afirmando o ato de pensar por se concretizar em consequência de algo que o force. As Oficinas de Escrileituras produziram aprendizagens porque tiveram a coragem inventiva de se deslocarem, prioritariamente, dos métodos, dos acordos ortográficos, de concepções construtivistas de formação da inteligência, da própria ideia de inteligência, do pragmatismo e das avaliações quantitativas. Os estudantes se permitiram experimentar as escrileituras, descolando-se do medo da reprovação e da rejeição ao trabalho realizado. Da mesma forma, eles permitiram-se experimentar aquilo que, por ora, era o diferente, naquele instante, de *um* aprender. Desfizeram-se, em parte, das imagens predefinidas em seus pensamentos de

como operar com a leitura e a escrita, expressando uma possibilidade de invenção textual oferecida pelas práticas de escrituras vivenciadas na escola.

Alma: vento que controla o corpo (Escritura de um estudante na Oficina Filodança)

Um aprender pelas Escrituras foi possível porque o Projeto apostou na potência das passagens de vida como matéria de escritura. *Um* aprender, igualmente, pela experiência que serve de condição para escrever. *Um* aprender que é processado no próprio texto, no momento em que escreve pelos pensamentos que são acionados na realização dos agenciamentos possíveis que cada um faz. A professora aprende no momento em que sensibiliza o olhar diante dos processos que se instauram nas relações em uma sala de aula: uma educação pelos sentidos. Enxerga a importância de desenvolver procedimentos singulares de trabalho para além de métodos, pois o que está implicado é o presente e as circunstâncias que são compostas nesse tempo. Então, afirma: não existe método para aprender! Existem, sim, modos singulares de operar uma professoralidade.

4. CONCLUSÕES

Não se aprende em Escrituras por um método linear e pragmático; aprende-se por um modo artístador de fazer, um método tipo rizoma, que corre por fluxos, por linhas que se cruzam e enxergam as forças emanadas do trabalho efetivado. É por meio dos experimentos realizados, durante os quatro anos de pesquisa no Projeto, que a professora apostou no estudante-que-experimenta-e-aprende, sendo capaz de criar suas próprias composições textuais, com seus estilos singulares, a partir dos agenciamentos alcançados. Da mesma forma, é possível afirmar o processo de transformação de uma docente que se lança no biografemário, uma escritura que possibilitou ver-se e ler-se, realizar escolhas éticas, estéticas e políticas para tratar uma vida que resiste e cria caminhos, cultivando outros modos de exercer sua professoralidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, José C. **Girafa não serve pra nada**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- CORAZZA, Sandra M. **Projeto de pesquisa**: Escrituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Plano de trabalho. Observatório da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- NIETZSCHE, F. Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de Ciro Mioranza. Série Filosofar. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- RODRIGUES, Carla Gonçalves (Org.). **Caderno de notas 5**. Oficina de escrituras: arte, educação, filosofia. Oficinas produzidas em 2011. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2013.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.